

EUCARISTIA – SACRAMENTO DA CARIDADE

Escola de ministérios – Leitores

A caridade do leitor – I

Esta Escola de Ministérios destinada aos Leitores, foi pensada a partir da temática geral deste Encontro Nacional dedicado à Eucaristia como Sacramento da Caridade. A Eucaristia é o sacramento da maior caridade de Deus e da Igreja para com toda a humanidade. Os leitores, no bom exercício do seu ministério, prestam um precioso contributo à Igreja e à sociedade humana.

A Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis (SacrCar)*, do papa Bento XVI, inspirou as temáticas deste Encontro Nacional e pode ajudar-nos a aprofundar o mistério do nosso ministério de leitores. Vamos, por isso, recordar alguns textos que consideramos importantes para o exercício do nosso ministério.

«Sacramento da Caridade, a santíssima Eucaristia é a doação que Jesus Cristo faz de Si mesmo, revelando-nos o amor infinito de Deus por cada homem. Neste sacramento admirável, manifesta-se o amor *maior*: o amor que leva a *dar a vida pelos amigos* (Jo 15, 13). De facto, Jesus *amou-os até ao fim* (Jo 13, 1). Com estas palavras, o evangelista introduz o gesto de infinita humildade que Ele realizou: na vigília da sua morte por nós na cruz, pôs uma toalha à cintura e lavou os pés aos seus discípulos. Do mesmo modo, no sacramento eucarístico, Jesus continua a amar-nos *até ao fim*, até ao dom do seu corpo e do seu sangue. Que enlevo se deve ter apoderado do coração dos discípulos à vista dos gestos e palavras do Senhor durante aquela Ceia! Que maravilha deve suscitar, também no nosso coração, o mistério eucarístico!» (*SacrCar* 1).

«Unidade intrínseca da acção litúrgica.

Antes de mais, é necessário reflectir sobre a unidade intrínseca do rito da Santa Missa, evitando, tanto nas catequese como na modalidade de celebração, que se dê ensejo a uma visão justaposta das duas partes do rito: a liturgia da palavra e a liturgia eucarística – para além dos ritos iniciais e conclusivo – « estão entre si tão estreitamente ligadas que constituem um único acto de culto ». De facto, existe uma ligação intrínseca entre a palavra de Deus e a parte eucarística: ao ouvirmos a palavra de Deus, nasce ou reforça-se a fé (*Rom* 10, 17), enquanto, na parte eucarística, o Verbo feito carne dá-Se a nós como alimento espiritual; assim, « a partir das duas mesas, a da palavra de Deus e a do corpo de Cristo, a Igreja recebe e oferece aos fiéis o pão de vida ». Por isso, deve ter-se constantemente presente que a palavra de Deus, lida e anunciada na liturgia pela Igreja, conduz à Eucaristia como a seu fim conatural» (*SacrCar* 44).

« A liturgia da palavra.

Juntamente com o Sínodo, peço que a liturgia da palavra seja sempre devidamente preparada e vivida. Recomendo, pois, vivamente que se tenha grande cuidado, nas liturgias, com a proclamação da palavra de Deus por leitores bem preparados; nunca nos esqueçamos de que, « quando na igreja se lê a Sagrada Escritura, é o próprio Deus que fala ao seu povo, é Cristo presente na sua palavra que anuncia o Evangelho ». Se as circunstâncias o recomendarem, pode-se pensar numas breves palavras de introdução, que ajudem os fiéis a tomar renovada consciência do momento. Para ser bem compreendida, a palavra de Deus deve ser escutada e acolhida com

espírito eclesial e cientes da sua unidade com o sacramento eucarístico. Com efeito, a palavra que anunciamos e ouvimos é o Verbo feito carne (*Jo* 1, 14) e possui uma referência intrínseca à pessoa de Cristo e à modalidade sacramental da sua permanência: Cristo não fala no passado mas no nosso presente, tal como Ele está presente na acção litúrgica. Neste horizonte sacramental da revelação cristã, o conhecimento e o estudo da palavra de Deus permitem-nos valorizar, celebrar e viver melhor a Eucaristia; também aqui se mostra em toda a sua verdade a conhecida asserção: «A ignorância da Escritura é ignorância de Cristo».

Para isso, é necessário ajudar os fiéis a valorizarem os tesouros da Sagrada Escritura presentes no Leccionário, por meio de iniciativas pastorais, de celebrações da palavra e da leitura orante (*lectio divina*). Além disso, não se esqueça de promover as formas de oração confirmadas pela tradição: a Liturgia das Horas, sobretudo Laudes, Vésperas, Completas e ainda as celebrações das Vigílias. A oração dos salmos, as leituras bíblicas e as da grande tradição apresentadas no Ofício Divino podem levar a uma experiência profunda do acontecimento de Cristo e da economia da salvação, capaz por sua vez de enriquecer a compreensão e a participação na celebração eucarística» (*SacrCar* 45).

« *Condições pessoais para uma participação activa.*

Ao considerarem o tema da participação activa dos fiéis no rito sagrado, os padres sinodais ressaltaram também as condições pessoais que se requerem em cada um para uma frutuosa participação. Uma delas é, sem dúvida, o espírito de constante conversão que deve caracterizar a vida de todos os fiéis: não podemos esperar uma participação activa na liturgia eucarística, se nos abeiramos dela superficialmente e sem antes nos interrogarmos sobre a própria vida. Favorecem tal disposição interior, por exemplo, o recolhimento e o silêncio durante alguns momentos pelo menos antes do início da liturgia, o jejum e – quando for preciso – a confissão sacramental; um coração reconciliado com Deus predispõe para a verdadeira participação» (*SacrCar* 55).

«A Eucaristia impele todo o que acredita n'Ele a fazer-se *pão repartido* para os outros e, conseqüentemente, a empenhar-se por um mundo mais justo e fraterno. Como sucedeu na multiplicação dos pães e dos peixes, temos de reconhecer que Cristo continua, ainda hoje, exortando os seus discípulos a empenharem-se pessoalmente: *Dai-lhes vós de comer* (*Mt* 14, 16). Na verdade, a vocação de cada um de nós consiste em ser, unido a Jesus, pão repartido para a vida do mundo» (*SacrCar* 88).

O leitor, no exercício do seu ministério, age na pessoa de Cristo: «quando na igreja se lê a Sagrada Escritura, é o próprio Deus que fala ao seu povo».

A liturgia da palavra é parte integrante de todas as celebrações da Igreja. A palavra proclamada realiza e manifesta na Igreja em oração a acção salvífica de Deus. Antes de Deus usar a palavra criadora já nós existíamos em Deus: assim as celebrações até à liturgia da palavra. Na plenitude dos tempos, a Palavra de Deus, o Verbo divino, que no início tinha criado todas as coisas e tinha falado pelos profetas, encarnou em Cristo e realizou a obra da redenção: é a liturgia da palavra e a liturgia eucarística. A celebração não termina no *Amen* da oração eucarística, mas na comunhão sacramental com Cristo e no envio aos irmãos: «Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a Vós» (*Jo* 20, 21) – *Ide em paz e o Senhor vos acompanhe*.

O ministério do leitor na proclamação da palavra é uma oração de Cristo e da Igreja. Todas as celebrações são actos orantes e todos os gestos litúrgicos são orantes. Proclamar a palavra de Deus nas celebrações é recitar uma oração muito especial que diz o que vai no coração de Deus em dialogo salvífico com o seu povo reunido.

O que é esta oração ?

A palavra *oração* no seu sentido originário significa *acção da boca*. A palavra mãe é *oratio* que deu *oração* em português. A palavra latina é composta de duas outras palavras: *ora* e *actio* = *oratio*. *Ora* é boca e *actio* é acção: acção da boca. A língua latina, mãe da portuguesa, usava duas palavras para dizer o falar da boca: a *oratio* - oração e o *sermo* - sermão ou conversa. A *oração* era uma linguagem cuidada, diferente de *sermão*, que era conversa ou linguagem sem arte. Relacionado com a oração temos: o orador e a oratória.

Uma das características da oração era ser linguagem cuidada e expressa com arte retórica. Para garantir estas características, recorria-se à escrita e à leitura da escrita ou dos registos da memória. Ler é juntar as letras: fazer a leitura – *lectio* – é a arte de dizer as letras e as palavras. Em todos os casos, a boca diz o que está escondido nos sinais das letras ou na abundância do coração. Nas leituras da palavra de Deus, o leitor terá de procurar na escrita do livro o que está escondido no coração de Deus. Esta procura, busca e leitura do coração de Deus terá de ser feita no coração do leitor e no coração da Igreja em oração, onde Deus mora para dizer por meio daquela boca o que tem para dizer à assembleia onde ele exerce o ministério. Cada leitura é um gesto único e irrepetível, porque divino e humano. Cristo ensinou isto na sinagoga da sua terra: «Cumpru-se hoje mesmo esta passagem da Escritura que acabais de ouvir» (Lc 4, 21).

Por fim, e para concluirmos a apresentação deste primeiro dia, recordemos que o que já sabemos dizer no dia a dia nos pode servir de ponto de partida. Nós sabemos falar das nossas coisas, sabemos dizer as coisas como as sentimos: a boca fala da abundância do coração e falamos muitas vezes com o coração na boca, e por isso sofremos quando somos interpretados diferentemente do que pensamos e procuramos transmitir por palavras. Esta experiência humana, e também espiritual, pode ajudar-nos a entender e a exercer o ministério de leitor à luz da graça da inabituação de Deus em nós no acto da proclamação da palavra. O leitor actua na pessoa de Cristo, o Verbo encarnado, e como tal é aclamado: «palavra do Senhor». O leitor não fala a partir de si próprio, porque a palavra não é sua, mas do Senhor. Do leitor é a voz do Verbo de Deus que fala pela boca daquele homem ou mulher, santo ou pecador, criança ou adulto. O que se requer do leitor é uma grande união com Deus: para isso se invoca sempre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. O corpo do leitor é o corpo de Cristo, o espírito do leitor é o Espírito Santo. O livro, que contém as palavras sagradas e por onde o leitor lê, é o coração de Deus no coração do homem. Da abundância desse coração divino e humano fala a boca do leitor. A arte do leitor supõe conhecimentos técnicos, mas o verdadeiro artista é o Espírito Santo que com a mesma palavra anuncia e realiza. A liturgia da palavra é uma história de salvação, vivida num tempo de oração que une o céu e a terra. A cena na Anunciação do Anjo a Nossa Senhora descreve todo este mistério. Alguns pintores apresentam a Virgem Maria na Anunciação com um livro nas mãos em gesto de oração e em diálogo com o Anjo do Senhor. Aquilo era anúncio do que estava escrito e era realização das promessas: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38). A oração do *Angelus* descreve isto em palavras essenciais: «O Anjo do Senhor anunciou a Maria e ela concebeu do Espírito Santo». Ler na liturgia é anunciar e realizar a obra de Deus: «Ele disse e tudo foi feito» (Salmo 32,9). Assim sendo, as palavras não são para o vento levar, num rito a despachar, mas um acontecimento único e irrepetível na história humana: «A palavra que sai da minha boca não volta sem ter produzido o seu efeito, sem ter cumprido a minha vontade, sem ter realizado a sua missão» (Is 55, 11). A oração da Igreja exorta cada manhã no invatatório do Ofício de Leitura: «Se hoje ouvirdes a voz do Senhor, não fecheis os vossos corações» (Salmo 94, 7-8). Esta recomendação é para todos, mas tem uma referência especial para os que exercem o ministério de fazer chegar aos demais a voz do Senhor. Terminamos com o testemunho do apóstolo S. Paulo: «De maneira imperfeita conhecemos,

de maneira imperfeita profetizamos. Agora permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e a caridade; mas a maior de todas é a caridade» (*1 Cor 13, 9.13*). A palavra de Deus que proclamamos o melhor que podemos é o nosso melhor contributo à Igreja e ao mundo. A Eucaristia é o sacramento da caridade e a proclamação da palavra anuncia e realiza essa caridade que é o amor de Deus pela humanidade.

Fátima, 24 de Julho de 2012

P. Pedro Ferreira, ocd

ESCOLA DE MINISTÉRIOS

Leitores

A caridade do leitor – II

A Exortação Apostólica pos-sinodal, *Verbum Domini*, do papa Bento XVI (30 Set 2010), faz uma síntese do Sínodo dos Bispos sobre a Palavra de Deus. Escolhemos algumas passagens que nos podem ajudar a entender a dimensão orante da palavra de Deus.

«O Sínodo insistiu repetidamente sobre a exigência de uma abordagem orante do texto sagrado como elemento fundamental da vida espiritual de todo o fiel, nos diversos ministérios e estados de vida, com particular referência à *lectio divina*. Com efeito, a Palavra de Deus está na base de toda a espiritualidade cristã autêntica. Esta posição dos Padres sinodais está em sintonia com o que diz a Constituição dogmática *Dei Verbum*: Todos os fiéis «debruçam-se, pois, gostosamente sobre o texto sagrado, quer através da sagrada Liturgia, rica de palavras divinas, quer pela leitura espiritual, quer por outros meios que se vão espalhando tão louvavelmente por toda a parte, com a aprovação e estímulo dos pastores da Igreja. Lembrem-se, porém, que a leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada de oração». A reflexão conciliar pretendia retomar a grande tradição patrística que sempre recomendou abeirar-se da Escritura em diálogo com Deus. Como diz Santo Agostinho: «A tua oração é a tua palavra dirigida a Deus. Quando lês, é Deus que te fala; quando rezas, és tu que falas a Deus». Orígenes, um dos mestres nesta leitura da Bíblia, defende que a inteligência das Escrituras exige, ainda mais do que o estudo, a intimidade com Cristo e a oração; realmente é sua convicção que o caminho privilegiado para conhecer Deus é o amor e que não existe uma autêntica *scientia Christi* sem enamorar-se d’Ele. Na *Carta a Gregório*, o grande teólogo alexandrino recomenda: «Dedica-te à *lectio* das divinas Escrituras; aplica-te a isto com perseverança. Empenha-te na *lectio* com a intenção de crer e agradar a Deus. Se durante a *lectio* te encontras diante de uma porta fechada, bate e ser-te-á aberta por aquele guardião de que falou Jesus: “O guardião abrir-lha-á”. Aplicando-te assim à *lectio divina*, procura com lealdade e inabalável confiança em Deus o sentido das Escrituras divinas, que nelas amplamente se encerra. Mas não debes contentar-te com bater e procurar; para compreender as coisas de Deus, tens necessidade absoluta da *oratio*. Precisamente para nos exortar a ela é que o Salvador não se limitou a dizer: “procurai e encontrareis” e “batei e ser-vos-á aberto”, mas acrescentou: “pedi e recebereis”».

A este propósito, porém, deve-se evitar o risco de uma abordagem individualista, tendo presente que a Palavra de Deus nos é dada precisamente para construir comunhão, para nos unir na Verdade no nosso caminho para Deus. Sendo uma Palavra que se dirige a cada um pessoalmente, é também uma Palavra que constrói comunidade, que constrói a Igreja. Por isso, o texto sagrado deve-se abordar sempre na comunhão eclesial. Com efeito, «é muito importante a leitura comunitária, porque o sujeito vivo da Sagrada Escritura é o Povo de Deus, é a Igreja. (...) A Escritura não pertence ao passado, porque o seu sujeito, o Povo de Deus inspirado pelo próprio Deus, é sempre o mesmo e, portanto, a Palavra está sempre viva no sujeito vivo. Então é importante ler a Sagrada Escritura e ouvi-la na comunhão da Igreja, isto é, com todas as grandes testemunhas desta Palavra, a começar dos primeiros Padres até aos Santos de hoje e ao Magistério actual».

Por isso, na leitura orante da Sagrada Escritura, *o lugar privilegiado é a Liturgia*, particularmente *a Eucaristia*, na qual, ao celebrar o Corpo e o Sangue de Cristo no Sacramento, se actualiza no meio de nós a própria Palavra. Em certo sentido, a leitura orante pessoal e comunitária deve ser vivida sempre em relação com a celebração eucarística. Assim como a adoração eucarística prepara, acompanha e prolonga a liturgia eucarística, assim também a leitura orante pessoal e comunitária prepara, acompanha e aprofunda o que a Igreja celebra com a proclamação da Palavra no âmbito litúrgico. Colocando em relação tão estreita *lectio* e liturgia, podem-se identificar melhor os critérios que devem guiar esta leitura no contexto da pastoral e da vida espiritual do Povo de Deus» (VD 86).

«Nos documentos que prepararam e acompanharam o Sínodo, falou-se dos vários métodos para se abeirar, com fruto e na fé, das Sagradas Escrituras. Todavia prestou-se maior atenção à *lectio divina*, que «é verdadeiramente capaz não só de desvendar ao fiel o tesouro da Palavra de Deus, mas também de criar o encontro com Cristo, Palavra divina viva». Quero aqui lembrar, brevemente, os seus passos fundamentais: começa com a leitura (*lectio*) do texto, que suscita a interrogação sobre um autêntico conhecimento do seu conteúdo: *o que diz o texto bíblico em si?* Sem este momento, corre-se o risco de o texto se tornar somente um pretexto para nunca ultrapassar os nossos pensamentos. Segue-se depois a meditação (*meditatio*), durante a qual nos perguntamos: *que nos diz o texto bíblico?* Aqui cada um, pessoalmente mas também como realidade comunitária, deve deixar-se sensibilizar e pôr em questão, porque não se trata de considerar palavras pronunciadas no passado, mas no presente. Sucessivamente chega-se ao momento da oração (*oratio*), que supõe a pergunta: *que dizemos ao Senhor; em resposta à sua Palavra?* A oração enquanto pedido, intercessão, acção de graças e louvor é o primeiro modo como a Palavra nos transforma. Finalmente, a *lectio divina* conclui-se com a contemplação (*contemplatio*), durante a qual assumimos como dom de Deus o seu próprio olhar, ao julgar a realidade, e interrogamo-nos: *qual é a conversão da mente, do coração e da vida que o Senhor nos pede?* São Paulo, na *Carta aos Romanos*, afirma: «Não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, a fim de conhecerdes a vontade de Deus: o que é bom, o que Lhe é agradável e o que é perfeito» (Rom 12, 2). De facto, a contemplação tende a criar em nós uma visão sapiencial da realidade segundo Deus e a formar em nós «o pensamento de Cristo» (1 Cor 2, 16). Aqui a Palavra de Deus aparece como critério de discernimento: ela é «viva, eficaz e mais penetrante que uma espada de dois gumes; penetra até dividir a alma e o corpo, as juntas e as medulas e discerne os pensamentos e intenções do coração» (Hb 4, 12). Há que recordar ainda que a *lectio divina* não está concluída, na sua dinâmica, enquanto não chegar à acção (*actio*), que impele a existência do fiel a doar-se aos outros na caridade.

Estes passos encontramos-os sintetizados e resumidos, de forma sublime, na figura da Mãe de Deus. Modelo para todo o fiel de acolhimento dócil da Palavra divina, Ela «conservava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração» (Lc 2, 19; cf. 2, 51), e sabia encontrar o nexo profundo que une os acontecimentos, os actos e as realidades, aparentemente desconexos, no grande desígnio divino» (VD 87).

A primeira e necessária virtude do leitor consiste em ser o primeiro orante da palavra a proclamar. A pergunta habitual dos leitores é: «Qual é a minha leitura? Mostra lá! ah, já conheço, não tem palavras esquisitas. Posso ler essa ou outra: uma qualquer». Este procedimento afirma a grande irresponsabilidade perante o sacramento da palavra de Deus. O ambiente da sacristia, nos momentos que precedem a celebração, anuncia e prepara os ritos. A melhor preparação para a oração é a própria oração e o ambiente que a torna propícia. A atenção dos leitores

centra-se nos elementos exteriores em que os olhos são os protagonistas. Entretanto, o diácono pede a bênção antes de ler o Evangelho, e o presbítero reza uma oração em silêncio, antes e depois de ler o Evangelho. A proclamação da palavra é um acto orante que reclama oração preparatória e conclusiva. A improvisação no ministério da palavra não resulta bem para os ministros habituais, nem mesmo para os que devem ler uma segunda ou terceira vez no mesmo dia, como acontece com os presbíteros. Cada leitura é única e irrepetível, tanto por parte da palavra divina como por parte da voz humana: ao realizar a sua acção no ouvinte, e o leitor é o primeiro ouvinte, a palavra opera no coração e manifesta-se na voz e na vida.

O ministério do leitor é, pois, um serviço orante. Cada palavra sua tem uma missão própria nos desígnios de Deus. Palavra e voz juntam-se e fazem o gesto litúrgico, caritativo e salvífico. A celebração da Eucaristia, com a sua liturgia da palavra, é o sacramento da caridade de Cristo e dos cristãos pela humanidade. Embora a palavra seja limitada ao espaço, o alcance e os benefícios dessa actividade são extensíveis ao mundo visível e invisível. Os tempos e as actividades, os acontecimentos da história e os projectos dos povos, as graças e as desgraças têm a sua morada no coração de Deus. A palavra que procede desse coração divino revela os desígnios da providência nas fases do anúncio e da realização: a liturgia torna presente esses momentos do agir de Cristo nas celebrações da Igreja. Ler as palavras sagradas na Igreja reunida em oração é um ministério sagrado de suma importância, como recorda o Concílio: «Qualquer celebração litúrgica é, por ser obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo que é a Igreja, acção sagrada por excelência, cuja eficácia, com o mesmo título e no mesmo grau, não é igualada por nenhuma outra acção da Igreja» (SC 7).

Fátima, 25 de Julho de 2012

P. Pedro Ferreira, ocd